



GUERRA FRIA E DOCÊNCIA: ENSINANDO HISTÓRIA E PROMOVENDO A CONSTRUÇÃO CRÍTICA DOS ALUNOS

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3586

Bárbara Nogueira do Nascimento, UFPR

Resumo

No subprojeto PIBID História 1 da Universidade Federal do Paraná, os bolsistas desenvolveram, nos Colégios Estaduais Maria Pereira e Pe. João Wislinski, uma atividade sob coordenação da Prof^a Karina Kosicki Bellotti e supervisão das professoras Nívea Celine e Lorena Pantaleão sobre a Guerra Fria, sendo esta atividade aplicada em julho de 2016. Foram planejadas três aulas com os seguintes objetivos: fornecer base teórica para a compreensão do conflito mundial conhecido como Guerra Fria; instrumentalizar os alunos para o debate sobre o tema, por meio da compreensão dos argumentos que sustentam tanto a defesa do capitalismo, como a do socialismo no período, bem como as críticas a ambos, e apresentar as propagandas utilizadas pelos dois lados para apreender de que maneira esse debate ideológico era veiculado pela mídia. Após as aulas teóricas sobre o tema, e a problematização de diversas fontes que transmitiam os diversos lados do conflito, foi realizado um debate entre os alunos, que foram divididos em quatro grupos aleatórios, de forma que cada estudante exercitasse os meios de legitimação ideológica de seu grupo a partir do que foi trabalhado em sala de aula. Deste modo, a aprendizagem histórica do contexto da Guerra Fria aconteceu a partir de uma construção crítica tanto do passado quanto do presente, exigindo que cada aluno se posicionasse em relação aos conteúdos que estavam sendo apresentados, como a Guerra no Vietnã, o racismo nos EUA e até mesmo a própria Guerra Fria.

Palavras Chave:

Guerra-fria; Capitalismo; Socialismo; Ensino fundamental; Debate.

O curso História – licenciatura e bacharelado, da Universidade Federal do Paraná, conta com dois projetos de PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), programa em vigor pelo edital de 2011. O projeto PIBID História 1 – Repensando culturas e identidades culturais no ensino de História – tem por objetivo promover a formação de professores de história a partir do contato entre a escola e a universidade. Pensando aulas que estimulem os graduandos, as professoras supervisoras e os alunos e alunas a pensar criticamente nossas relações culturais, buscamos entender conjuntamente como e por que as histórias de determinados grupos culturais e sociais não são tradicionalmente trabalhadas na educação básica e nossa atuação enquanto agentes históricos.

Sendo assim, em julho de 2016, o grupo de bolsistas, em reunião ordinária de planejamento de atividades, optou por trabalhar a temática da Guerra Fria com duas turmas do 9º ano do ensino fundamental. As turmas pertenciam ao Colégio Estadual Maria Pereira Martins, localizado no bairro Barreirinha, em Curitiba. Sete bolsistas participaram da elaboração e aplicação dessa atividade, sob supervisão da Profa. Nívia Celine e coordenação da Profa. Dra. Karina Kosicki Bellotti.

Para que se compreenda a elaboração dessa atividade é preciso compreender a dinâmica de funcionamento do PIBID. Na época da aplicação, o grupo consistia de 14 bolsistas (atualmente são 13 bolsistas), duas supervisoras e uma coordenadora, e opera de modo a todos os integrantes participarem de toda a extensão das atividades, à exceção da coordenadora, pois não está presente no momento da aplicação. Além disso, todas as atividades são planejadas em toda sua extensão e

discutidas pelo grupo anteriormente à visita ao colégio. Após a finalização da atividade, os bolsistas envolvidos avaliam a produção dos alunos em conjunto, e todo o grupo debate os erros e acertos do plano de aula, da aplicação e da avaliação para produção de um relatório.

Além disso, o projeto preza pela utilização de fontes primárias para produção de interpretações históricas em conjunto com os estudantes. Por isso, o início do planejamento consistiu na escolha das fontes a serem trabalhadas, conforme as noções indicadas em:

Nesse sentido, constituir leituras e interpretações “possibilita a reconciliação da história vivida com a história conhecimento” (FONSECA, 2003, p. 123-124). Para essa reconciliação na prática de ensino acontecer, é preciso reconhecer a necessidade de aprofundamentos e contato com as mais variadas fontes, que em lugar de respostas prontas e acabadas, despertem no aluno (a), pela mediação do professor (a), uma dialética de seleção e uso de documentos da qual também o (a) aluno (a) pode participar.¹

As fontes foram selecionadas considerando a temática da propaganda durante a Guerra Fria, visto que esse período foi fortemente marcado pela propaganda ideológica e esta é uma das vertentes de interpretação da Guerra Fria que possibilita contato com imagens e recursos ainda presentes no cotidiano de jovens em diversos países, inclusive no Brasil. Por isso, histórias em quadrinhos, filmes, músicas e notícias televisionadas foram selecionadas pelos bolsistas para a abordagem da propaganda e da produção do discurso histórico, considerando que:

Durante a Guerra Fria, a propaganda e a divulgação de imagens das duas potências que se

¹ VIEIRA, Neide de Paiva; MUNHOZ, Sidnei José. **Guerra Fria: perspectivas da história e do ensino**. p. 1-2. Material disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2341-8.pdf>. Acesso: 20 de setembro de 2017.

rivalizavam ganharam contornos pontuais e estrondosos. No período em questão, cada sociedade, de um lado, homens e mulheres soviéticos; e de outro lado, homens e mulheres estadunidenses, se viam crivados em sua vida cotidiana, pelo universo de imagens elogiosas à estrutura de sociedade que se instalara em cada bloco antagonista. A esse se soma uma retórica apocalíptica de que existia um conflito inevitável! Algo sentido pelo mundo todo!²

A primeira aula, em ambas as turmas, iniciou-se com a exposição de um vídeo sugerido pela professora supervisora, pois já havia sido utilizado por ela em outros anos. Consistia na notícia veiculada pelo Jornal Nacional (Rede Globo) em 1989 a respeito da Queda do Muro de Berlim. A partir dos vídeos, os bolsistas passaram a investigar quais seriam as noções prévias dos alunos sobre o conflito, o que se provou bastante produtivo, uma vez que o conteúdo geopolítico da Guerra Fria já havia sido trabalhado com as turmas pela professora de Geografia. Dessa maneira, foi possível a realização de uma aula introdutória ao tema, utilizando conceitos trazidos pelos alunos – como corrida espacial; guerra indireta; blocos socialista e capitalista – para uma contextualização, especialmente no que concerne às ideias de propaganda e seus efeitos. Para isso, em um segundo momento da aula, os bolsistas transmitiram notícias de veículos de informação online a respeito das manifestações de 2015, no sentido de destacar os efeitos da propaganda anticomunista na sociedade brasileira atual. Ao segundo vídeo, os alunos reagiram com mais perguntas, buscando entender como a contradição entre o discurso de liberdade de expressão e o discurso anticomunista ocorre na mentalidade dos indivíduos presentes naquele contexto.

O principal objetivo da primeira aula foi aproximar a temática da realidade dos estudantes, trabalhando com mídias mais recentes e contextos com os quais eles estão familiarizados. Além disso, a contextualização nesse primeiro contato é fundamental para que os estudantes compreendam como as fontes se relacionam com o conteúdo em si.

A próxima etapa consistiu em um aprofundamento no trabalho com as fontes, aliado à construção de conceitos, juntamente com os estudantes, que expliquem como as fontes se inserem no contexto da Guerra Fria. Para tanto, a partir de questionamentos feitos diretamente para os alunos, elaboramos conceitos para “propaganda”; “fontes”; “ideologia”; “capitalismo”; “socialismo” e outros. Ao mesmo tempo, diferentes fontes – especialmente produções cinematográficas e imagens de cartazes e histórias em quadrinhos do período – eram apresentadas para as turmas.

As fontes utilizadas foram, especialmente: a animação soviética *Capitalists Sharks – Prophets and Lessons* (1967); um trecho do filme *Hot Snow* (1972); uma imagem da HQ *Fantastic Four #13* (1963), onde os super-heróis combatem o Fantasma Vermelho, um vilão comunista que comanda macacos no espaço cósmico; a capa das HQs *Captain America Comics #78* (1954) e *Journey Into Mystery #84* (1962), onde os heróis Capitão América e Thor combatem vilões comunistas; e diversos cartazes da União Soviética que ressaltam a imagem de Stalin e do socialismo.

Com essa estratégia foi possível para os alunos perceber a disseminação das ideologias no período e a construção dos argumentos históricos que caracterizam a Guerra Fria. Foi possível também perceber novamente a aproximação dessa temática com a realidade dos estudantes, uma vez que as

² VIEIRA, Neiva de Paiva. Guerra fria: desafios, confrontos e historiografia. In: VIEIRA, Neiva

de Paiva. **Caderno Pedagógicos Governo do Paraná**. Maringá:2008. p. 36.

mídias apresentadas – em especial as Histórias em Quadrinhos – ainda compõem o imaginário cultural de grande parte dos jovens e adultos.

No entanto, com o objetivo de demonstrar que a propaganda é uma “via de mão-dupla” e que a reação do espectador é tão importante para o processo quanto a mensagem transmitida, a última aula expositiva foi dedicada a explorar movimentos de contracultura e de insatisfação generalizada com a situação da Guerra Fria, em ambos os lados do conflito. Dessa forma, buscou-se contestar a hegemonia de pensamento no período, além de relacionar outros conteúdos escolares com esse contexto.

Em exercício semelhante ao da segunda aula, utilizamos diversas fontes para pensar a elaboração desse pensamento contrário à Guerra Fria e seus efeitos. Tais fontes foram: uma animação que resume o filme *Star Wars – A New Hope* (1977); a interpretação do hino nacional Norte Americano por Jimi Hendrix no festival de música de Woodstock (1969); a música *Give Peace a Chance*, de John Lennon (1969); as animações soviéticas *Konflikt* (1983) e *Break* (1985), ambas com direção de Garri Bardin e com forte teor de crítica à Guerra Fria; e o discurso do lutador norte americano Muhammad Ali (1967) onde ele realiza um apelo pelo fim da Guerra do Vietnã (um dos conflitos resultantes da Guerra Fria) e recusa o alistamento no exército.

Todas as fontes trabalhadas foram contextualizadas pelos bolsistas, levando em conta seu período e lugar de produção. Dessa forma, indiretamente, foram trabalhados nessa aula conteúdos como o movimento hippie, as questões raciais nos EUA no século XX e a luta pelos Direitos Civis, a Guerra do Vietnã, a contracultura estadunidense do período e o cerceamento ideológico aos opositores do governo americano. Além disso, considerando a dificuldade na obtenção de fontes desse teor produzidas na URSS,

ressaltada pelas fontes utilizadas serem mais recentes que as demais, pode-se ressaltar os projetos de censura ideológica dos produtos culturais soviéticos.

Por fim, um aspecto central desse plano de aula, e o principal foco dessas reflexões, foi a atividade final a ser realizada. Geralmente os planos de aula elaborados pelo PIBID História 1 da UFPR contam com uma atividade, que pode ser desenvolvida no decorrer das aulas ou ao final, que é avaliativa. Dessa forma os bolsistas podem se acostumar com o sistema avaliativo do ensino público ao mesmo tempo em que podem propor formas menos tradicionais de avaliação. Tendo isso em mente, a atividade pensada para o plano foi um debate, considerando que essa prática permitiria aos alunos uma interpretação e seleção de argumentos para a defesa de determinado discurso, a partir das informações e conceitos obtidos pelo trabalho com as fontes.

Sendo assim, as turmas foram divididas em quatro grupos, e cada um deveria realizar um exercício de “se colocar no lugar” de um grupo/agente histórico específico. Assim, um grupo faria uma defesa da ideologia capitalista; enquanto outro faria uma defesa do socialismo – pensando nas fontes trabalhadas durante a primeira aula –; um terceiro grupo representaria as pessoas inseridas no sistema capitalista, porém descontentes com essa situação; e por fim o último grupo representaria as pessoas inseridas no bloco socialista, mas com divergências a esse sistema. Os critérios de avaliação foram: a coerência nos argumentos selecionados; o nível de participação no debate; e o uso dos recursos fornecidos pelos debates em sala de aula em torno das fontes. Cada grupo contou ainda com o auxílio de um bolsista, e a professora supervisora foi a mediadora do debate.

Além disso, cada grupo pode fazer uma fala direcionada a qualquer grupo, que por sua vez teve o direito à

réplica, e por fim, o primeiro grupo à tréplica. Os alunos também tiveram tempo para elaborar seus argumentos, sendo entregue uma folha aos bolsistas com ao menos três argumentos de cada grupo e que serviu de auxílio na atribuição de uma nota. Cada grupo contou com três ou quatro estudantes e os bolsistas incentivaram a participação de todos na exposição dos argumentos.

Durante o desenvolvimento dos argumentos alguns grupos demonstraram dificuldade em entender o procedimento da atividade, mas com o auxílio dos bolsistas a maior parte das dúvidas foi sanada. Também houve diferenças substanciais entre o desempenho do 9º A e do 9º B, devido especialmente ao 9º A ter tido duas aulas conjuntas para a realização do debate, ao passo que o 9º B contou com apenas uma hora/aula. Sendo assim, é fundamental destacar que a eficiência desse procedimento didático está amplamente relacionada ao tempo dedicado a sua explicação e ao seu desenvolvimento.

Os grupos responsáveis por defender a ideologia capitalista demonstraram, de maneira geral, maior facilidade em elencar argumentos como a defesa da liberdade de expressão, a possibilidade de crescimento segundo uma lógica meritocrática e o alto crescimento industrial, tecnológico e econômico. Já os grupos encarregados da defesa do socialismo argumentaram no sentido da opressão aos trabalhadores, proporcionada pelo capitalismo, ser injusta, além de ressaltarem as consequências globais, tanto socialmente quanto ambientalmente, do imperialismo americano e defenderam a igualdade de direitos provocada pelo regime socialista.

Nesse sentido, pode-se notar que os alunos reproduziram com pertinência os argumentos explorados nas fontes para o debate, além de acrescentarem noções que não haviam sido abordadas, porém que compõe o debate ideológico da Guerra Fria. No que diz respeito aos

outros grupos, no entanto, o exercício ocorreu de maneira mais atravancada. A dificuldade em criticar seu próprio sistema a partir de suas bases ficou explícita pela maior demora dos estudantes em compreender o objetivo de seus argumentos, além de uma maior dependência de tais grupos em relação aos bolsistas.

No entanto, quando entendida a proposta, os alunos a exerceram de maneira bastante interessante. Os argumentos mais frequentes para os grupos que deveriam realizar uma crítica interna ao sistema capitalista se deram em torno das questões raciais e das atrocidades cometidas durante a Guerra do Vietnã. Porém, houve grande desentendimento por parte dos alunos desse grupo em uma das turmas, e o debate se tornou interno, sendo necessário mais tempo para que eles entrassem em acordo sobre que questões apresentar. E, por fim, o grupo que realizou uma crítica interna à União Soviética e o regime socialista utilizou o argumento clássico do desgaste interno gerado pelo isolamento do bloco socialista e, especialmente, o da falta de liberdade política e econômica desse contexto. É importante ressaltar, também, que esse grupo trouxe acúmulos de outras disciplinas para seu leque argumentativo, referenciando a produção cinematográfica *Adeus Lênin*.

Por isso, conclui-se que estratégias didáticas que envolvam os estudantes na elaboração do próprio conteúdo trabalhado, como é o caso da análise de fontes em conjunto, permite a formulação de uma série de relações sistêmicas por parte dos estudantes, além de promover um maior envolvimento com as questões, visto que elas ainda estão presentes no cotidiano juvenil. E o debate, por sua vez, prova-se uma ferramenta dinamizadora das relações em sala de aula, colocando o estudante como protagonista na elaboração de um conhecimento histórico. Assim, os alunos e as alunas se habituam a inter-relacionar diferentes

experiências, escolares ou não, com o objeto de estudo da história, tornando-se assim, agentes históricos conscientes de suas relações com o passado e o presente.

Referências

VIEIRA, Neide de Paiva; MUNHOZ, Sidnei

José. **Guerra Fria: perspectivas da história e do ensino**. Material disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2341-8.pdf>. Acesso: 20 de setembro de 2017.

VIEIRA, Neiva de Paiva. Guerra fria: desafios, confrontos e historiografia. In: VIEIRA, Neiva de Paiva. **Caderno Pedagógicos Governo do Paraná**.